

LETRAMENTO LITERÁRIO: UMA ALTERNATIVA PARA A LEITURA EM SALA DE AULA

Esdras do Nascimento Ribeiro

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, esdras.ribeiro2013@gmail.com.

Resumo:

O presente estudo detém-se a discutir o letramento literário como uma prática social fundamental para a inserção do indivíduo no mundo letrado. Pois, o ensino de literatura contribui profundamente para a formação integral do sujeito. Portanto, pensar em atividades de leituras literárias elaboradas a partir da perspectiva do letramento literário, auxiliará na formação social e cognitiva desse indivíduo, implicando diretamente no desenvolvimento de habilidades de argumentação crítica, fazendo-o se reconhecer e compreender o mundo a sua volta. Dessa forma, o letramento literário compreende práticas de leitura literária, as quais exercem uma função social e que colaboram para a formação de um leitor literário autônomo e proficiente.

Palavras-chave: Leitura, Literatura, Letramento Literário.

Introdução

A prática da leitura é uma atividade essencial para o ser humano. Primeiramente, porque colabora para a construção do conhecimento, mas, também, porque contribui para a formação de uma consciência crítica, além de ajudar no aprimoramento das competências e habilidades linguísticas, ou ainda, atuando como agente transformador do indivíduo enquanto ser social. Contudo, não é raro em nossas escolas nos depararmos com um ensino do texto literário pautado por uma transmissão tradicional, tecnicista e que supervaloriza a historiografia literária em detrimento do ato de ensinar a ler literatura.

Diante do exposto, entendemos que esta prática reducionista diminui o valor do texto literário, tornando-o um mero objeto de ilustração, um elemento decorativo e que, por diversas vezes, acaba por distanciar o aluno da leitura. Portanto, com o objetivo de possibilitar o letramento literário e discuti-lo como uma prática social fundamental para a inserção do indivíduo no mundo letrado, este estudo busca promover a prática do letramento literário no trabalho com a leitura do texto literário em sala de aula, visando o desenvolvimento real e pleno de um leitor consciente e crítico.

Para tanto, é necessário que o professor também seja um leitor e sua experiência leitora seja um instrumento significativo para o incentivo e para a mobilização do interesse do aluno de forma convincente, pois passará de professor a mediador entre a leitura e o aluno.

O professor-leitor busca formas não convencionais e não mecânicas de trabalhar a leitura do texto literário, para dessa forma conquistar o aluno e torná-lo também um leitor autônomo, capaz de construir laços afetivos e efetivos com o próprio ato de ler. Tornando-se,

pois, leitores independentes, com a percepção da leitura como fonte inesgotável do saber, escopo da construção social e individual do humano, o aluno conceberá o texto literário como reflexo de suas próprias vivências.

Metodologia

O presente estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica e se constitui da leitura, análise, discussão e interpretação dos textos concernentes à temática abordada, fundamentando-se no aporte teórico sustentado pelos seguintes autores: Bakthin (2002), Cosson (2014), Soares (2000), Kleiman (2004), Lajolo (1982; 2000), dentre outros.

Leitura: Algumas Considerações

Ao pensarmos na definição do que seja leitura, automaticamente nos remetemos à ideia de capacidade ou aptidão para decodificar letras, palavras e/ou frases que constituem um texto escrito. Num segundo momento, esse pensamento associa-se à prática da pronúncia correta desses elementos conforme a norma padrão da Língua Portuguesa. Para Martins (1986, p.07), é inegável a existência de uma relação explícita entre o ato de ler e a escrita, desse modo “o leitor é visto como um decodificador”.

Partindo dessa premissa a leitura é compreendida como descoberta de sentido, pois as palavras carregariam um significado e o leitor é visto como um espectador em busca desse sentido que se encontra inerente ao texto. Esse ponto de vista retrata a leitura a partir de uma visão essencialista, a qual defende a ideia da existência de uma essência, cabendo ao leitor à tarefa de buscá-la, captura-la. O ato de ler seria, portanto, a descoberta do sentido que se encontra depositado nos signos linguísticos e a função do leitor é resgatar esses significados impressos neles.

Ao tomar como princípio essa lógica, a língua é vista como representação do pensamento, e o sujeito, dono absoluto de suas ações e dizeres. O texto passa a ser compreendido como um produto, lógico, do autor, que impossibilita o leitor de exercer qualquer ação interativa com o texto na produção de sentidos, cabendo-lhe, apenas, o papel de espectador, isto é, corporificando-se como um ser meramente passivo.

A compreensão da leitura a partir dessa perspectiva pressupõe que o ato de ler configura-se numa atividade de extração das ideias do autor presentes no texto,

desconsiderando as vivências de mundo e a carga de conhecimento construída pelo leitor, bem como, a interação entre autor-texto-leitor.

Contudo, os estudos mais contemporâneos sobre a concepção de leitura tem ultrapassado esse entendimento de mera decodificação do código escrito. Os estudos mostram que a leitura só acontece efetivamente “quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo leituras, as quais nos habilitam a ler tudo e qualquer coisa” (Martins, 1986, p.17). Para Bakhtin (2002, p.78-79) ao ler “o indivíduo recebe da comunidade linguística um sistema já constituído e qualquer mudança no interior deste sistema ultrapassa os limites de sua consciência individual”.

Isabel Solé (1998, p.22) afirma que “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; neste processo tenta-se satisfazer [obter uma informação pertinente para] os objetivos que guiam a leitura”. O ato de ler é, então, um processo resultante da interlocução entre leitor e autor, que está ausente, mas que se mostra mediado pela palavra escrita como nos afirma a fala de Marisa Lajolo (1982):

Ler não é decifrar, como um jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO, 1982, p.59).

A leitura rompe com a ideia simplista de apropriação de sentidos, pois se constitui em uma atividade de recriação e reconstrução de significados presentes no texto através das marcas de autoria e pistas deixadas pelo autor. Portanto, a concebemos como um processo e não como um produto, pois o texto “não traz tudo pronto para o leitor receber de modo passivo” (KLEIMAN, 2004, p.36), visto que ele utiliza-se do seu conhecimento de mundo e interage com as ideias presentes no texto para, a partir daí, chegar a uma compreensão. Magda Soares (2000), ao definir o termo leitura nos coloca que:

Leitura não é esse ato solitário; é interação verbal entre indivíduo, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros. (SOARES, 2000, p.18)

Vista por esse ângulo, a leitura percebe os sujeitos envolvidos num processo dialógico como indivíduos ativos que constroem o texto e são construídos por ele, apresentando um foco voltado para a interrelação entre autor, texto e leitor. Nessa ótica, podemos compreendê-la como uma prática interativa de caráter complexo no que tange a produção de sentidos e que se processa através do material linguístico encontrado na superfície do texto, bem como, no modo de organização deste. Sobre isso vale ressaltar o que diz os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa.

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (BRASIL, 1998, p.69-70)

O ato de ler é uma atividade que considera a experiência e os conhecimentos do leitor, exigindo deste mais que apenas o domínio do código linguístico, pois o texto não se resume somente ao produto da codificação do emissor, que transmitindo a um receptor, passivo, uma mensagem, bastaria a ele dominar o conhecimento do código para decifrá-la. A ideia a qual defendemos aqui privilegia os sujeitos e seus conhecimentos, compreende que o processo de interação ocorre no texto cujo sentido é fundamentado não unicamente nas sinalizações deixadas pelo autor, mas, também, por meio das vivências do leitor, que, no momento da leitura, atua ativamente, concordando ou não com as colocações do autor, ou ainda, completando-as, adaptando-as, pois “toda compreensão é prenhe de respostas e, de uma forma ou de outra, forçosamente, a produz”. (BAKTHIN, 1992, p.290)

Letramento Literário

Os estudos sobre o letramento compreendem o domínio das habilidades de leitura e de escrita, nas suas variadas formas, na sociedade, como necessários para uma participação efetivamente competente nas práticas sociais e profissionais da vida moderna. Para Brian V. Street (2014, p.54) “o letramento designa práticas sociais da escrita que envolve a capacidade

e os conhecimentos, os processos de interação e as relações de poder referentes ao uso da escrita em contextos e meios determinados”. Portanto, essas práticas estão determinadas pelas condições efetivas de uso da escrita, conforme seus objetivos, e mudam à medida que essas condições se modificam.

Partindo dessa perspectiva, o letramento denominado literário compreende um conjunto de práticas sociais que usam a escrita ficcional enquanto sistema simbólico em contextos específicos. A viabilização desse modelo de letramento na escola tem a finalidade de promover o exercício da leitura literária sem o abandono do prazer e, ao mesmo tempo, com o compromisso necessário para o desenvolvimento do conhecimento. Graça Paulino (2001) afirma que:

Um cidadão literariamente letrado seria aquele que cultivasse e assumisse como parte de sua vida a leitura desses textos, preservando seu caráter estético, aceitando o pacto [ficcional] proposto e resgatando objetivos culturais em sentido mais amplo, e não objetivos funcionais ou imediatos para o seu ato de ler. (PAULINO, 2001, p.118)

Portanto, além de considerar as habilidades cognitivas, comunicativas, interacionais, afetivas e estéticas necessárias para a realização da leitura do texto literário, é preciso levar em conta também, as competências sociais, bem como o aspecto híbrido e complexo dos processos histórico-sociais presentes nesse tipo de leitura. Sendo assim, é importante que possamos encarar essa modalidade de leitura como um ato político, cultural e democrático.

O letramento implica usos sociais da escrita saindo da esfera da individualidade para a coletividade. Desse modo, podemos inferir que o letramento literário está associado a diferentes domínios da vida e relacionado a contextos e objetivos específicos. Isso nos leva ao entendimento de que as práticas de letramento literário são plurais e que, portanto, podem surgir em diferentes situações, seja no formato ficcional nas mídias, em leituras não canônicas ou nos grandes clássicos da literatura.

A utilização do conhecimento sobre o letramento literário no âmbito da escola, assim como em outros espaços sociais, colabora para a construção mais coesa das relações entre a escola e a vida social, buscando convergi-las para a formação de um sujeito com graus de letramento cada vez maior.

O Texto Literário na Sala de Aula: Repensando Perspectivas

A leitura do texto literário configura-se como uma atividade que exige do leitor habilidades e competências capazes de reconhecer no texto suas intenções, seus sentidos, suas operações linguísticas, bem como as proposições estabelecidas e expressas pelo autor. Assim, a obra literária instiga em seus leitores o desenvolvimento da imaginação, o posicionamento crítico, a utilização adequada da língua em seus diversos contextos, além de possibilitar aos sujeitos a reflexão sobre si mesmos e sobre o mundo. Nessa acepção, Guimarães e Batista (2012, p.21) assinalam que:

Os textos literários situam-se entre a conotação e a denotação, entre o real e o imaginário, sugerindo uma participação ativa do leitor, que deve ser convidado a entrar no universo de verossimilhança literária. A entrada nesse universo implica diretamente uma participação de outra natureza, uma vez que a fruição artística, via literatura e suas manifestações, pode provocar transformações no leitor, que se reconhecerá num universo de imaginação e recriação a partir do real e de sua transformação em material literário.

Frente à compreensão de que o texto literário é resultado de uma produção artística, espera-se que o leitor perceba-se em interação com uma legítima obra de arte, lhe permitindo, desse modo, vivenciar experiências tanto de cunho intelectual quanto do interesse emocional dos indivíduos. Nesse sentido, ler literatura proporciona aos alunos a possibilidade de experimentar situações, estímulos e vivências diversas, que quando associadas à história de vida desses sujeitos, provocam, neles, diferentes maneiras de interagir com a obra literária. Portanto, quando nos reportamos à leitura literária, principalmente no âmbito da sala de aula, criar condições para que o aluno alcance a dimensão estética do texto é fundamental.

Desse modo, no intuito de contribuir para a formação literária do leitor, a escola precisa elaborar estratégias metodológicas que melhor atendam às necessidades do educando, além de estar atenta à realidade sociocultural desses sujeitos, uma vez que eles precisam se identificar com a leitura proposta e, ainda, considerá-la instigante e estimuladora. Nessa perspectiva, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNLP) defendem que o trabalho com o texto literário deve apresentar-se de modo frequente e constante em sala de aula.

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento. Essa variável de constituição da experiência humana possui propriedades compositivas que devem ser mostradas, discutidas e consideradas quando se trata de ler as diferentes manifestações colocadas sob a rubrica geral do texto literário. (BRASIL, 1997, p.29)

Assim sendo, no tocante a leitura do texto literário, podemos verificar que os PCNLP têm orientado o trabalho com a leitura partindo da proposta do letramento, ou seja, compreendendo o ato de ler como uma ação social, realizada em contextos específicos e com a capacidade de instigar o leitor a cumprir seu papel humanizador na sociedade.

É importante que o estudo do texto literário abandone os procedimentos de escolarização da leitura e da literatura centrado somente em atividades que não oportunizam ao aluno o exercício da leitura enquanto prática social. No entanto, segundo Marisa Lajolo (2000, p11) “o que fazer *com* ou *do* texto literária em sala de aula funda-se, ou devia fundar-se, em uma concepção de literatura muitas vezes deixada de lado em discussões pedagógicas”. Portanto, faz-se urgente que a escola reveja e amplie seu leque de ações de trabalho com a leitura, para que possa garantir que a prática da leitura literária ocorra por meio de um processo lúdico, fundamentado na construção de sentidos, onde o leitor é levado a interagir com o texto, permitindo-o, enquanto sujeito leitor, identificar-se na obra.

Em vista disso, é preciso que a escola e o professor tenham claramente estabelecido as finalidades e os objetivos que se pretendem alcançar durante o processo de ensino da literatura. Rouxel (2013) questiona o seguinte:

Ensinar literatura para quê? O para quê determina o como. Métodos e finalidades estão ligados. Trata-se de aumentar a cultura dos alunos? (qual cultura?), de formar leitores? De contribuir para a construção de suas identidades singulares ou de propiciar, pelo compartilhamento dos valores, a elaboração de uma cultura comum, o sentimento de pertencimento a uma comunidade nacional? Esses elementos não se excluem e compõem o espectro das possibilidades entre as quais é lícito escolher ou não escolher. (ROUXEL, 2013, p. 17).

O processo de ensino da literatura deve convergir para a formação de uma postura crítica do aluno e para a possibilidade de construção e reconstrução dos sentidos do texto, procedimentos estes que dependem da condução adequada do professor em sala de aula.

Nesse sentido, vale desenvolver práticas de escolarização do texto literário que privilegie a perspectiva do letramento. Magda Soares (2006, p.23) destaca o seguinte:

Não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar “saber escolar”, se escolarize, e não se pode atribuir, em tese, [...] conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola [...]. O que se pode criticar, o que se deve negar não é a escolarização da literatura, mas a inadequada, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o. (SOARES, 2006, p.23)

Portanto, é fundamental que a escola perceba que é necessário, além de estabelecer um contato constante do aluno com a obra, também é primordial construir meios mais eficazes para que esse acesso ao texto literário se efetive satisfatoriamente. Assim, é papel do professor criar estratégias de leitura que contribuam para a promoção da contextualização, interação e socialização do texto.

Contudo, tanto a escola quanto os seus docentes devem estar atentos à necessidade de se evitar a prática da leitura literária de modo superficial, buscando encarar o ato de ler o texto literário a partir de uma perspectiva que vá ao encontro do letramento literário. Assim, o processo de escolarização do ensino de literatura transcorreria de forma mais positiva, permitindo ao leitor lidar com a possibilidade de realizar inferências e levantar hipóteses significativas a partir de sua interação com o texto, extrapolando, desse modo, a simples leitura da obra literária.

A leitura literária, devido ao seu caráter transcendente, permite aos sujeitos vivenciar experiências que os fazem dar sentido ao mundo por meio das palavras. Em sua fala Cosson (2014) nos afirma que:

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita o ato de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito pela linguagem. (2014, p. 29-30)

Ao incentivar o gosto pela leitura em seus alunos, o professor, estará fortalecendo uma prática que os acompanhará ao longo de suas vidas e não apenas ao atendimento de uma necessidade momentânea exigida pela escola. Assim, por meio da leitura, o discente poderá participar efetivamente da produção de sentidos do texto e de seu processo de significação. Segundo Lajolo (2000):

É a literatura, como linguagem e instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso, a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos (LAJOLO, 2000, p.106).

A instituição escolar e o seu contexto educacional tem como função primeira o caráter formativo de seus sujeitos, portanto, percebemos que mais do que ensinar literatura a escola necessita de ler literatura. Ao professor cabe o papel de mediar a leitura desses textos, buscando garantir que esta prática ocorra de modo consciente, nítido e com estratégias bem delimitadas para que o leitor possa de forma competente atingir níveis de letramento literário cada vez mais proficiente.

Considerações Finais

A leitura é, sem dúvida, um instrumento capaz de proporcionar o desenvolvimento de diversas competências e habilidades do sujeito, além de contribuir para a aquisição de uma variedade de saberes ela, também, possibilita o autoconhecimento, uma vez que o texto literário apresenta um caráter humanizador.

A prática da leitura do texto literário na sala de aula justifica-se pela importância da experiência estética e pelo poder transgressor que a literatura pode nos oferecer. Nesse sentido, cumpre enfatizar que a letramento literário na escola desempenha o papel de formar leitores competentes e proficientes, capazes de inseridos em uma comunidade, manipular seus instrumentos culturais e construir com eles um sentido para si e para o mundo em que vive, visto que “[...] a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da língua quanto do leitor. Uma e outra permitem que se diga o

que não sabemos dizer e nos dizem de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo e nós mesmos” (COSSON, 2006, p. 16).

Dessa forma, acreditamos que o ensino de literatura pautado na perspectiva do letramento literário conseguirá conduzir o docente a caminhos e a elaboração de estratégias, que partindo da leitura literária sejam capazes de contribuir para a formação do leitor enquanto cidadão.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e a filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sócio-lógico na ciência da linguagem**. 9º. ed. São Paulo: Hucitec; Annablume, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Ensino Fundamental. Brasília, 1997.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: educação para vida**. Vida e Educação, Fortaleza, v. 10, p. 14-16, 2006.
- GUIMARÃES, A. H. T.; BATISTA, R. O. **Língua e Literatura – Machado de Assis na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- KLEIMAN, A. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. Campinas: Pontes, 9º. ed., 2004.
- LAJOLO, Maria e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1982.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é literatura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- PAULINO, M. G. R. **Letramento literário: por vielas e alamedas**. Revista da Faced/UFBA, Salvador, n.5, p.56, 2001.
- ROUXEL, Annie. **Aspectos metodológicos do ensino de literatura**. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Lúcia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Org.) **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

SOARES, M. **As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto.** In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Org.). *Leitura: perspectivas disciplinares.* São Paulo: Ed. Ática, 2000. Pág.: 18-29.

SOLÉ, Isabel. **Estratégia de Leitura.** 6^o. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.** 1. ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.